

JULIA SISSA, *O prazer e o mal. Filosofia da droga*, Tradução: Marcos de Castro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. 206 p.

Um dos emblemas característicos de nossa época — ainda que negativo — é a onipresença do fenômeno da toxicomania e de seu gigantesco impacto no conjunto das sociedades. Tratado como problema psicológico, médico, econômico, social, político, policial, moral, a quase universalização do uso de drogas e sua inquietante persistência frente às estratégias de erradicação e controle continuam a causar perplexidade àqueles que tentam compreender o fenômeno. Devemos saudar o livro da italiana Giulia Sissa como uma tentativa bem sucedida de alçar a compreensão desse grave problema da vida contemporânea ao estatuto da reflexão filosófica, descortinando assim horizontes mais amplos que as abordagens particulares não conseguem alcançar.

A chave de interpretação encontra-se estampada no título da obra: Giulia Sissa eloge o prazer como dimensão da experiência humana que, tematizada filosoficamente, permite situar a toxicomania em uma perspectiva antropológico-filosófica e, por consequência, ontológica. Partindo de um exame preliminar da dinâmica do vício tal qual aparece nos relatos de pessoas que sucumbiram à tirania da droga, e em particular nas reflexões de Thomas de Quincey (pensador inglês romântico do século passa-

do, viciado em ópio), William Burroughs (expoente da geração *beatnik*, morfinômano) e Christiane F. (adolescente que narra sua experiência com as drogas em um *bestseller* da década de 80), Sissa revela a uniformidade e os pontos-chave comuns das experiências descritas, passando em seguida a tentar compreendê-las, segundo a categoria do prazer, à luz de quatro modelos distintos: o platônico, o epicurista, o estóico-cristão e o psicanalítico.

Sob o ponto de vista da argumentação desenvolvida no livro, pode-se discordar de um ou outro ponto da análise da autora. Por exemplo, ao não discutir criticamente a auto-interpretação que Thomas de Quincey dá de sua experiência como sendo de caráter "epicurista"; o mais provável é que Epicuro desprezasse o tipo de hedonismo que fez naufragar a autarquia de de Quincey, atirando-o à dependência e ao delírio. Ou então a assimilação apressada entre a posição estóica e a posição cristã primitiva face à questão do prazer e principalmente do desejo, que não permitiria compreender a contento certos fatos notáveis da experiência cristã. Aqui e ali tem-se a impressão de que algum descuido da tradução ou da revisão torna difícil acompanhar a linha argumentativa da autora, mas ao final não há maiores comprometimentos da inteligibilidade do texto. Ressalte-se a competente exploração do tema platônico da insaciabilidade do desejo e a instigante comparação entre

a via da droga e a via filosófica, bem como a contraposição sóbria entre os modelos da negatividade e da positividade do prazer em suas versões antigas e na psicanálise.

Quanto ao plano da exposição propriamente dita, ele pode deixar confuso um leitor mais “pragmático”, que espere encontrar uma solução para o problema das drogas, ou pelo menos uma aplicação mais imediata da análise filosófica. A leitura de Giulia Sissa tem como principal mérito indicar e estimular vias de reflexão. Muitas das articulações teóricas não são imediatas ou explicitamente conduzidas às suas consequências para uma “filosofia da droga”, ficando freqüentemente a cargo do leitor antecipar ou concluir tal tarefa — o que não deixa de ser um pequeno estímulo à inteligência e um trabalho contra uma leitura meramente passiva, imprópria em matéria filosófica.

A pertinência e atualidade do tema tratado em *O prazer e o mal* se revelam quando voltamos o olhar para o mundo. Veja-se, por exemplo, o recente acontecimento envolvendo o convite de Fidel Castro ao argentino Diego Maradona, viciado em cocaína e com saúde e vida seriamente comprometidas, para realizar seu tratamento em Cuba. O caráter político de tal convite assenta-se sobre uma crítica endereçada aos danos que o projeto capitalista de sociedade acarreta para a existência humana. Com os subsídios fornecidos por Giulia Sissa em seu livro, podemos alargar a compreensão desse episódio, retirando-o da condição de apenas mais uma curiosidade oferecida pelo caleidoscópio jornalístico que impera sobre a consciência coletiva globalizada e compreendendo-o em seu sentido profundo: o vício em drogas não é uma anomalia ou um acidente em uma sociedade construída sobre o princípio do hedonismo consumista, que é ao mesmo tempo o seu *telos*, inacreditavelmente vazio. A toxicomania é tão

somente um momento absolutamente próprio a uma tal sociedade, que vem desmascarar o vazio sobre o qual ela se funda. O “bem” proposto ao ser humano é a eliminação de qualquer desconforto pela fruição de um prazer oferecido como mercadoria, numa dinâmica infinita onde a satisfação plena é previamente proscrita e substituída pela busca de satisfações parciais apresentadas como plenas. Eis o mal que se esconde sob esse tipo de prazer. A droga nada mais faz do que escancarar o mecanismo da dependência que vige, de formas diferenciadas, em todas as relações que se deixam determinar exclusivamente por tal princípio, do amor ao trabalho, do lazer ao estudo. Sob esse ângulo, portanto, a pessoa que se droga não é de forma alguma uma exceção ou uma espécie de rebelde a negar o mundo instituído: ela é antes a triste confirmação desse mesmo mundo, o testemunho em carne viva do temível poder destrutivo dos princípios que o sustentam.

A análise de Giulia Sissa leva-a ainda a uma posição concreta frente ao problema posto pelas drogas que merece destaque. Após discutir as várias teorias filosóficas sobre o prazer, indicando a sua maior ou menor fecundidade para a compreensão da toxicomania — e, portanto, para a constituição de uma “filosofia da droga” —, a autora aponta uma falha fundamental em todas as campanhas e tentativas de combate às drogas: o descuidar a positividade do prazer, positividade que leva a perceber e afirmar o prazer como valor — se não absoluto, em todo caso um valor. Isso implica em reconhecer a sua legitimidade dentro do conjunto das aspirações humanas, o que tem por consequência o reconhecimento de um aspecto de legitimidade no comportamento do toxicômano. Sem isso, qualquer relação que se tente estabelecer com a pessoa drogada e seu universo está fadada ao fracasso — e o que é pior: ao farisaísmo. Mas, precisamente ao reco-

nhecer ao mesmo tempo o prazer como um valor e a toxicomania como naufrágio humano, surge então um incômodo problema: a que subordinar o prazer como valor, se nós vivemos justamente em uma época que percebe atônita a falência de seus valores? Dizendo de outra maneira: em que recanto esquecido ou não descoberto do *ethos* ocidental poderemos ainda encontrar um bem superior e legítimo capaz de atrair para si o impulso que se agita desordenado e desesperado no âmago da experiência toxicomaníaca e que termina por precipitá-la no vazio? A indigência espiritual que caracteriza a crise civilizacional sem precedentes que ora vivemos apresenta-se, assim, como uma encruzilhada, um dilema: que modelo antropológico, ético e sócio-político poderá atrair a humanidade para uma existência menos dilacerada e menos vazia? Mais do que um problema a ser apenas combatido, as drogas e seu universo representam um estímulo inadiável à reflexão filosófica em seu perene envolvimento com as questões fundamentais: quem somos? Como vivemos? A que aspiramos? Com seu livro, Giulia Sissa ajuda-nos a abraçar essa tarefa. Isso basta para tornar recomendável a sua leitura.

Marco Heleno Barreto  
CES—BH

JEAN-PIERRE LABARRIÈRE, *Crôire et comprendre: approche philosophique de l'expérience chrétienne*, Paris: Éditions du Seuil, 1999. 196 p.

O par conceptual e originariamente experiencial *crer e compreender*, designando os atos dos dois regimes intelectuais da Fé e da Razão, constitui, como é sabido, uma das matrizes fundamentais da história espiritual do Ocidente. Prefigurada na distinção platônica entre Mito e Filosofia, adquire sua significação e conteúdo provavelmente definitivo dos seus termos no encontro

entre a pregação cristã e a cultura filosófica grega. A partir desse evento decisivo irão definir-se as duas atitudes espirituais que acompanham desde então o caminho histórico da nossa cultura: a Fé, como aceitação do *mistério*, e a Razão, como intenção universal do *saber*. Ficam assim definidos os dois atos arquetipais do *crer* e do *compreender* procedendo dos dois pólos da Fé e da Razão, ora em harmonia ora em tensão ou, mesmo, em repulsão recíproca, e fica igualmente estabelecida uma das articulações maiores do espaço simbólico da cultura ocidental.

A recente encíclica *Fides et Ratio* deve ser considerada um episódio altamente significativo da vida intelectual e espiritual do nosso tempo, justamente por desenvolver uma ampla e profunda reflexão sobre esse tema cuja permanente atualidade não conhece declínio.

Por sua vez o livro de Jean-Pierre Labarrière que estamos apresentando, escrito embora, ao que parece, antes da publicação da *Fides et Ratio*, pode ser lido à luz dos problemas levantados pela encíclica, não obstante o estilo e as perspectivas diferentes que distinguem entre si um texto filosófico e um texto do magistério eclesial.

Uma compreensão mais profunda e mais fiel do livro de Labarrière requer, em primeiro lugar, que ele seja lido na sequência de uma obra já considerável e, sob muitos títulos, notável do historiador da Filosofia e pensador original. Como historiógrafo, Labarrière se impôs como um dos mais respeitados hegelianistas franceses da atualidade, seja pelas magistrais traduções, introduzidas e comentadas (em colaboração com Gwendoline Jarczyk) da *Fenomenologia do Espírito* e da *Ciência da Lógica*, seja pelas suas numerosas contribuições, em artigos e livros, à exegese dos textos hegelianos (ver *Síntese*, 79 (1997): 561-566). Ainda em colaboração com G. Jarczyk a atividade de Labarrière como tradutor e comen-

tador estendeu-se recentemente à obra de Mestre Eckart. Hegel e Eckart aparecem assim como sendo duas referências históricas fundamentais na reflexão filosófica de J.-P. Labarrière.

No entanto, é na continuidade do desenvolvimento de um pensamento original e profundo que convém situar a meditação aqui proposta sobre *crer* e *compreender*. Com efeito, o texto que temos em mãos pode ser considerado um passo adiante num já longo itinerário filosófico. Nele Labarrière percorre os grandes temas e problemas do pensamento ocidental e avança em direção a um lugar teórico abrangente de onde obter uma nova visão, logicamente articulada, do universo filosófico na sua história e na sua estrutura presente. Trata-se, como se vê, de um propósito de inspiração hegeliana, mas que vem sendo executado com originalidade e coerência. Foi delineado em algumas obras de caráter mais programático, compreendendo uma *Lógica* (*L'unité plurielle*, Aubier-Montaigne, 1975, completada com *L'utopie logique*, L'Harmattan, 1992), uma *Antropologia* (*Dimensions pour l'homme: essai sur l'expérience du sens*, Desclée, 1975) e uma *Teologia* (*Dieu aujourd'hui: cheminement de liberté*, Desclée, 1977). Essas linhas iniciais convergem para duas obras maiores: *Le discours de l'altérité: une logique de l'expérience*, PUF, 1982 e *Poïétique: quand l'utopie se fait histoire*, PUF, 1998. No primeiro desses livros assistimos a um aprofundamento substancial da noção de *experiência*, uma das categorias fundamentais no pensamento de Labarrière. No segundo, a filosofia, a poesia e a mística (ver a intenção manifestada em *L'utopie logique*, p. 124, n. 6) são convocadas para exprimir o processo fundamental e onipresente da *meditação* que enlaça e unifica as grandes regiões da experiência imediata.

A reflexão desenvolvida em *Croire et comprendre* articula, na sua distinção e na sua unidade, os dois registros conceptuais da *experiência* e da *medi-*

*ação* pensados no contexto dessa complexa situação espiritual na qual ora se opõem ora se complementam Fé e Razão, ou os atos de *crer* e *compreender*. A intenção e o roteiro teórico da meditação de Labarrière estão claramente enunciados nas cinco páginas da Introdução, que convém ler atentamente. O ritmo da meditação que será discursivamente desenvolvido está explicado numa antecipação sintética daqueles que serão seus passos fundamentais, compreendendo seis capítulos e uma conclusão. Em cada um deles o tema fundamental é retomado sob uma ótica particular, o que os torna, até certo ponto, unidades autônomas e que podem ser lidas como tais. Por outro lado, é assinalada uma correspondência entre os capítulos que se complementam dois a dois: I e VI: oposição e harmonização dos atos e atitudes de *crer* e *compreender*; II e V: ordenação lógica e ordenação processual ou histórica dos dois conceitos; III e IV: estrutura totalizante do movimento que articula Fé e Inteligência sob o ponto de vista sucessivamente de um e de outro conceito. A Conclusão (pp. 193-195) evoca mais uma vez Mestre Eckart, para celebrar a unidade na diferença do *crer* e do *compreender* na lucidez que é fruto de uma Inteligência unificada.

A pressuposição fundamental de toda essa articulada e profunda meditação, subsídio importante embora provavelmente *praeter intentionem* do Autor para a leitura da *Fides et Ratio*, é a unidade da experiência na qual *crer* e *compreender* não se opõem como o racional e o irracional, mas se integram numa forma originária de compreensão humana da realidade.

O "espaço espiritual" (p. 10) da análise de Labarrière é a *experiência cristã*, como reza o subtítulo do livro. Se bem entendemos, porém, essa referência histórica apresenta-se, em princípio, na perspectiva de Labarrière, apenas como

instância eventual “para fundamentar ou esclarecer essa ou aquela opção” (*ibid.*). No entanto, o modelo proposto para o par conceptual “crer e compreender” intenta ultrapassar essa “inteligibilidade regional”, tentando alcançar a “inteligência humana na sua mais ampla extensão”. É lícito, no entanto, perguntar-se, à luz de um conhecido *topos* hegeliano, se, do ponto de vista da expressão religiosa, o “espaço espiritual” do Cristianismo não se configura já como “espaço universal” que não supprime ou anula outras “figuras religiosas”, mas as integra ou suprassume (*aufhebt*) na estrutura universal da dialética “crer e compreender” articulada em torno do evento fundador da Encarnação do Verbo de Deus.

Entre tantos méritos do livro de Labarrière, não é o menor o ter levantado, no contexto de um rigoroso exercício de reflexão filosófica, essa questão decisiva e incontornável no atual clima de pluralismo religioso.

Henrique C. de Lima Vaz  
CES — BH

RO E. SCHMIDT ANDRADE, *Desde Santo Tomás de Aquino (Ensayos filosóficos)*, Puerto Montt (Chile), 1999. 125 p.

O estudo do pensamento de Santo Tomás de Aquino pode nos ajudar a buscar respostas para nossa problemática atual e enriquecer a filosofia do nosso tempo?

Sim, é o que acredita Ciro E. Schmidt Andrade, filósofo e professor chileno, estudioso do pensamento tomista e atualmente professor de Ética no Instituto Profissional Santo Tomás, de Puerto Montt no Chile. Como resposta à pergunta inicial, o A. está lançando este livro sobre o pensamento tomista. Neste conjunto de reflexões, apresentadas sob a forma de ensaios, o livro *Desde Santo Tomás de Aquino (Ensayos filo-*

*sóficos)*, pretende apresentar aspectos que nos ajudem a compreender mais profundamente a figura e a obra deste grande pensador cristão. Com isto o A. pretende, ao mesmo tempo, refletir sobre alguns problemas atuais que podem ser aprofundados com a ajuda das intuições básicas do pensamento tomista. A leitura de Santo Tomás além de dar-nos uma melhor e mais profunda compreensão do pensamento tomista, irá nos ajudar, segundo o A., no aprofundamento da nossa própria busca filosófica. Isto porque o pensamento tomista, que tem características próprias da sua época e reflete um discurso cultural próprio do seu tempo, também o transcende, na mesma medida em que é um reflexo do homem que busca abrir-se à verdade.

Portanto, este trabalho não é uma mera apologia a Santo Tomás, nem uma leitura reducionista do pensamento tomista, como acontece com frequência em torno das “provas da existência de Deus”, mas “quer ser uma leitura de alguns aspectos do pensamento tomista na esperança de ajudar a re-descobrir intuições tomistas que possam iluminar nosso tempo”.

Neste trabalho o A. apresenta-nos Santo Tomás como um homem de espírito eminentemente coordenador, sintético e coerente, que busca responder às grandes questões filosóficas das relações entre Deus e o mundo, entre o espírito e a matéria, entre o conhecimento e a realidade, entre a ciência e a fé — questões vitais para os destinos da humanidade e para a existência do cristianismo, que recebem de Santo Tomás uma solução clara e racional.

Como linha mestra nos ensaios, o A. busca ressaltar a intuição tomista acerca da perene busca do homem pela Verdade, pelo Bem, pela Beleza, que é, em última análise, este buscar a Deus.

O livro está dividido em uma introdução e sete ensaios.

Na Introdução o A. faz um rápido apanhado sobre a relevância do pensamento tomista, mostrando Santo Tomás como um homem do seu tempo, que está preocupado com a problemática própria medieval, mas que não dá respostas fechadas, apenas para sua época. Apresenta-nos também Santo Tomás que, com a sua genial intuição do Ato de Existir (*esse*), vai além do pensamento platônico e aristotélico. E ainda, descreve Santo Tomás como um homem místico que vive uma perene união pessoal com Deus.

No primeiro ensaio temos uma reflexão em torno dos aspectos considerados relevantes, pelo A., da obra tomista ao comentar Aristóteles. Em “Santo Tomas y el *De anima*”, o A. analisa o comentário tomista aos capítulos 4 e 5 do livro III do “*De anima*” de Aristóteles, onde é abordado o tema do intelecto (paciente e agente), tendo como análise primeira a natureza do intelecto agente.

Em “El acto de entender como reflexión sobre si mismo”, segundo ensaio do livro, o A. apresenta o que ele considera como tema que fundamenta todo o pensamento tomista, a saber, o problema do ato de entender. O aspecto analisado neste ensaio é o ato de entender do homem, este homem que é aberto ao mundo e à transcendência e, ao mesmo tempo, intimamente recolhido sobre si mesmo. Assim, o intelecto humano que conhece a coisa material através de um ato, por este mesmo ato se conhece a si mesmo.

Continuando suas reflexões, o A. nos apresenta um tema muito freqüente na obra de Santo Tomás: a sabedoria. Em “La Sabiduría: ascension a la intimidad con Dios por la participacion de la Verdad y el Amor”, o A. desenvolve uma análise da reflexão tomista da sabedoria — que Santo Tomás distingue dos demais dons e virtudes — como aquela que dirige nossa vontade até Deus, e da contemplação como ato da sabedoria.

No mesmo caminho aberto pelo ensaio anterior, o A. apresenta os ensaios “Conocimiento de Dios por intimidad” e “La Belleza como camino hacia Dios”. Aqui o A. apresenta a riqueza e a atualidade que podemos encontrar no pensamento tomista sobre a relação entre Deus e o homem. Nestes ensaios, além de apresentar o filósofo e o teólogo, podemos perceber também a figura de Santo Tomás como um profundo místico que se aproxima da intimidade de Deus pelo Amor. Para Santo Tomás, nós que fomos criados por amor, nos encontramos com Deus no conhecimento e no amor. Temos então que Deus, que está presente em tudo o que existe e, sendo o existir o mais profundo e íntimo de cada ser, Deus está presente em todas as coisas e intimamente. Assim, Santo Tomás postula uma “metafísica da interioridade”, onde cada ser dá testemunho de Deus pelo seu ato mesmo de existir. A respeito da beleza, o A. busca refletir sobre o pensamento tomista de que a beleza concreta (ou seja, “lo que agrada ver”) participa da beleza do ser (metafísica), que é o reflexo da beleza absoluta de Deus. Ora, Deus é belo e, na beleza que emana de sua essência, podemos também encontrá-lo. Assim, nossa busca da beleza, que nas coisas humanas se diz quando algo está ordenado segundo a razão, se manifesta em atos concretos e limitados das descobertas, que revelam, como reflexo, a Absoluta Beleza de Deus.

Pretendendo realizar uma reflexão sobre o ser histórico do homem no pensamento tomista, o A. escreve “Sentido del tiempo y la historia desde Santo Tomas de Aquino”. E, para encerrar, apresenta-nos o ensaio “Persona y Transcendencia: Un sentido de la Educacion”, onde busca mostrar toda a relevância do tema da educação do homem no pensamento tomista, pois, Santo Tomás foi um grande mestre que viveu ensinando, e muitas de suas obras tem um sentido eminentemente docen-

te. Ao longo do texto o A. vai nos levando a refletir sobre a educação como caminho da sabedoria na qual o homem caminha ao encontro do "Esse Subsistens", da Transcendência Absoluta, de Deus. Neste texto está muito presente toda a reflexão tomista sobre a "doutrina da pessoa" e sua relação com o transcendente, que se fundamenta na metafísica tomista da participação do ser. Assim, conclui o A., quando nos encaminhamos para a Verdade e o Bem, como realização final da pessoa, caminhamos para Deus, e só nesta perspectiva é que a educação tem um sentido último, transcendente.

O A. está de parabéns pela publicação deste seu trabalho. Para aqueles que já possuem um conhecimento das obras de Santo Tomás, aqui terão uma grande oportunidade de mergulharem nos temas desenvolvidos pelo A., aprofundando seus conhecimentos. Para aqueles que estão iniciando o estudo de Santo Tomás, encontrarão um texto muito bem estruturado, que os ajudará a perceber pontos importantes da obra tomista, magistralmente desenvolvidos pelo A.. Para agradar os leitores mais exigentes, o A. colocou as citações das obras de Santo Tomás no original, em latim, que foram traduzidas nas notas de rodapé.

Elton Vitoriano Ribeiro  
CES-ISI

LAUDE GEFFRÉ, *Profession, théologien: quelle pensée chrétienne pour le XXI<sup>e</sup> siècle?* (Entretiens avec Gwendoline Jarczyk), Paris: Éditions Michel, 1999, 316 p.

O tema Fé e Razão ou, mais especificamente no caso, Teologia e Razão moderna, apresenta um indiscutível interesse para a Filosofia, desde que levemos em conta a íntima relação entre Filosofia e Teologia ou a permanente circulação de idéias e temas entre esses

dois registros do saber que acompanham a história do pensamento ocidental desde as suas origens na Grécia. A recente Encíclica *Fides et Ratio* veio reconhecer nessa questão, venerável por sua antiguidade, uma atualidade que interessa não apenas à Teologia como corpo de disciplinas no currículo da formação eclesial, mas igualmente à vida cultural da nossa civilização num momento de crise e transição, e particularmente à Filosofia, tradicionalmente a interlocutora privilegiada da Teologia. Não é, pois, fora de propósito apresentar ao leitor de uma revista de Filosofia esse diálogo entre um dos mais notáveis teólogos contemporâneos e uma conhecida e respeitada estudiosa e historiadora da Filosofia.

Os títulos intelectuais dos dois participantes garantem, pois, desde logo, a riqueza e alta qualidade do diálogo aqui apresentado. A entrevistadora, Gwendoline Jarczyk, já conhecida dos leitores da *Síntese* [79 (1997): 561-566; 82 (1998): 433-434], é eminente tradutora e especialista de Hegel, além de conhecedora profunda da tradição teológica ocidental. O teólogo Claude Geffré, dominicano, até há pouco diretor da renomada *École Biblique et Archéologique*, fundada em Jerusalém pelo célebre biblista J. M. Lagrange, OP. (foi, de resto, nos locais da *École Biblique*, em Jerusalém, que teve lugar a entrevista), tornou-se conhecido sobretudo pelo seu magistério teológico no Instituto Católico de Paris, pela direção da famosa coleção *Cogitatio Fidei* (Ed. du Cerf, Paris) e pelos seus escritos, nos quais manifesta uma aguda consciência dos problemas levantados para a reflexão teológica pelo advento de um novo estilo de filosofar no contexto da chamada "idade da hermenêutica". O procedimento hermenêutico caracteriza toda uma vertente contemporânea das ciências humanas. Para Geffré o encontro entre a Teologia tradicional e a Hermenêutica na sua versão filosófica assinala justamente uma "nova idade

da Teologia" (título da sua obra programática (*Un nouvel âge de la Théologie*, Paris: Cerf, 1972, 1987).

O diálogo entre G. Jarczyk e Cl. Geffré desenvolve-se, pois, na sua parte propriamente doutrinal, em terreno familiar ao filósofo, o terreno da razão filosófica, no qual cresce um dos ramos mais vigorosos do pensamento contemporâneo. A presença da Teologia nesse terreno, assumida magistralmente, entre outros, por Claude Geffré, vem prolongar essa tradição de diálogo entre Teologia e Filosofia que está, como dissemos, nas origens do pensamento teológico e que a *Fides et Ratio* vem recolocar enfaticamente na ordem do dia. No caso do mestre dominicano, a tradição dialogal recebe particular relevo por tratar-se de um discípulo de Tomás de Aquino que, acolhendo os problemas e desafios da hermenêutica filosófica contemporânea, não renuncia à rica herança doutrinal que é patrimônio da sua Ordem.

A conversa entre Claude Geffré e Gwendoline Jarczyk decorre dentro de uma sequência sabiamente articulada. Ela se inicia com a evocação do simbolismo ligado ao lugar geográfico onde se desenrolará: Jerusalém, todo o seu enorme peso de história, todo o seu drama atual na contenda entre dois povos personagens maiores dessa história, o universalismo que irradia das três grandes religiões monoteístas, enfim o enigma da religião no seio da descrença de um mundo secularizado. É na perspectiva desse horizonte que o diálogo avançará. Suas duas partes centrais (2. Profissão, teólogo; 3. A obra de pensamento) colocam-nos, em primeiro lugar, diante do itinerário do teólogo, desde a sua vocação de dominicano e a responsabilidade histórica nela implicada até o lúcido e exigente con-

fronto com a situação atual da Teologia, envolvida, ao se confrontar com o paradigma hermenêutico, no conflito das interpretações em face do pressuposto irrenunciável de uma verdade única. Nesse campo problemático o teólogo é chamado a desenvolver sua "obra de pensamento". Ela encontra um desafio maior na temática do pluralismo religioso, talvez a questão mais candente da atualidade teológica, sobretudo se pensada, da parte do teólogo católico, em relação com a unidade orgânica e indissolúvel que une, na tradição dogmática da Igreja, a Palavra de Deus e a instituição eclesial. A competência da entrevistadora e a pertinência das suas questões tornam essa parte do diálogo ao mesmo tempo a mais difícil para o entrevistado e a mais reveladora de toda a riqueza e profundidade da sua reflexão. Na verdade, um poderoso élan de otimismo percorre todas as respostas de Claude Geffré, e não será fora de propósito ver aqui um atestado de fidelidade ao espírito de Tomás de Aquino. É esse otimismo que anima a 4ª parte, intitulada "Uma utopia criadora", na qual Claude Geffré esboça as linhas de uma teologia renovada e articulada em torno dos dois temas que também a *Fides et Ratio* propõe como alvo à reflexão teológica contemporânea: o problema da verdade e o problema antropológico.

Um exame pormenorizado seja das questões de G. Jarczyk seja das respostas profundamente meditadas de Cl. Geffré não caberia nessa simples recensão. Baste-nos ter chamado a atenção do leitor filósofo para a significação, também filosófica, desse apaixonante diálogo.

H. C. de Lima Vaz  
CES-BH